

Sem parar de construir Brasília, Elmo não perdeu a visão do Estadista que só pensa nos destinos do homem

Correio - Governador, depois de três anos de governo e de residência na cidade, como o Sr. olha Brasília: do ponto de vista do primeiro impacto que o Sr. teve quando chegou aqui?

Elmo - Na realidade, quem chega em Brasília para fixar residência pela primeira vez - porque Brasília eu conhecia apenas de passagem, passagens através de negócios ligados às minhas áreas de trabalho - sofre realmente um impacto e precisa de um período de adaptação. Esse período de adaptação, para mim, foi muito fácil de superar uma vez que trabalhei quatro anos numa área distante da Capital apenas 25 quilômetros. Mas quem vem para uma comunidade como Brasília, como o Distrito Federal, e sobretudo quem vem com o sentido de dirigi-la, tem que procurar entender a cidade com amor, e esquecer, na realidade, aquilo que tem nas suas cidades e procurar viver com o que dispõe na sua nova comunidade. Foi isso o que procurei fazer. Realmente, hoje, sou um indivíduo que gosta muito de Brasília; pois entendi com amor a sua concepção e adaptei-me ao seu planejamento, tanto que tenho feito muitas variações na estrutura da Capital sem modificar o seu projeto básico, original, as suas formas primitivas, porque em meu planejamento tenho tido o cuidado de procurar integrá-lo à paisagem e à forma do Plano inicial. Então, eu digo, com sinceridade, que entendi a cidade com amor, entendi a vida da cidade e passei a gostar da cidade. E, quando daqui me afasto, por um motivo ou outro, eu sinto realmente saudades.

Correio - O seu planejamento inicial - e a gente nota que as ênfases foram variando ao longo desses três anos: a ênfase viária, água, o problema das cidades-satélites - foi sendo alterado com a convivência com os problemas ou o Sr. acha que esse planejamento está se desdobrando como previsto inicialmente?

Elmo - Na realidade, eu não encontrei planejamento nenhum. Em termos de planejamento para execução, digamos assim, zero. Nós não tivemos nada. Eu estabeleci um programa de governo depois de 82 dias de trabalho no Distrito Federal, de pesquisas, de visitação direta aos locais, às comunidades, verificando suas necessidades, e a partir dessa experiência desenvolvi o meu trabalho. Mas desenvolvi o meu trabalho dentro daquilo que idealizei, sem nenhuma modificação, no sentido de atender o presente e com uma perspectiva para a frente, de alguns anos.

Correio - Algumas obras que o Sr. vai deixar, como a da água, por exemplo.

Elmo - Com relação à água, nós encontramos previsão da CIVILHIDRO, na Cia. de Água e Esgotos, que tinha sido feita apenas para a bacia de captação do rio Descoberto com 120 milhões de metros cúbicos. Mas nós fizemos o planejamento das adutoras e elas, depois de concluídas, naturalmente no meu Governo, vão trazer 2 metros cúbicos por segundo do rio Descoberto. O programa final é de 6 metros cúbicos, que são três linhas que deixarei implantadas nesses dois anos e uma já em funcionamento. A sequência de governo responderá pela implantação de mais duas linhas que possam trazer do Descoberto 6 metros cúbicos por segundo. Este Descoberto vai dar uma capacidade de abastecimento do Distrito Federal, com o sistema Santa Maria e o Torto, para dois milhões de habitantes. Então, e um planejamento muito folgado, prevenindo necessidades futuras com grande antecipação.

Correio - Mas a gente sente que existem três problemas que, realmente, afligem a população. Problema de transporte, número 1. Número 2, problema de habitação, e número 3, o problema do lazer.

Os problemas de habitação e de transporte estão interligados, digamos assim. E com as dificuldades de importação de petróleo, chega-se a sentir que o planejamento inicial de Brasília, com cidades-dormitórios, cidades-satélites, de alguma maneira afastando parte da população do Plano Piloto, foi um pouco sabotado pelas circunstâncias, o que veio agravar realmente o problema.

Gostariamos que o Sr. expusesse a sua opinião sobre esses três problemas e sobre as perspectivas de resolvê-los.

Elmo - Realmente você tem razão.

São três problemas importantíssimos na Capital da República.

O primeiro, transportes. Transportes, com o sistema tradicional que se utiliza nas unidades brasileiras, com o que nós já fizemos (porque já fizemos uma reformulação de linhas, através de pesquisas que levaram, praticamente, mais de seis meses, e aumentamos os efetivos de veículos nas linhas) nós podemos afirmar, sem sombra de dúvidas, que o de Brasília, ainda é o melhor do Brasil porque dispomos de uma quantidade muito maior do que a que seria necessária para transportar a coletividade. Mas, o que complica, aqui em Brasília, são as distâncias das cidades-satélites à comunidade. Enquanto nas diversas unidades

de trabalhadores, toda a massa de funcionários para a Capital da República, para Brasília, e devolver às suas cidades-satélites sem perturbar a vida da comunidade. Mas, como você vê, o planejamento ainda não está concluído, e a sua implantação levará algum tempo. Nós contudo não podemos ficar de braços cruzados, esperando essa solução. Recebemos já, através do GEIPOT, da EBTU, e do próprio Governo do Distrito Federal, o Plano Diretor dos Transportes - que está ali em cima da mesa -, e desse plano nós pinçamos várias soluções que serão implantadas à medida das necessidades, praticamente dentro de mais noventa dias elas estarão implantadas, inclusive com a aquisição de microônibus, cerca de 97, para utiliza-

Nos setores básicos, a preocupação de Elmo é melhorar a qualidade da vida em Brasília. Vai implantar o Plano Diretor de transportes, que facilitará o acesso das satélites ao Plano Piloto. Em habitação, mais 40 mil casas serão construídas. No lazer o grande Parque é a maior atração



Correio - O microônibus livrará a população do Plano Piloto da tirania do táxi.

Elmo - Exato. Então, nós teremos cada microônibus desse servindo duas superquadras e indo até a Estação Rodoviária. Circulará a cidade. Mas nós temos a parte do Lago Sul, do Lago Norte, e teremos que colocar esses veículos para atender, também, essa população.

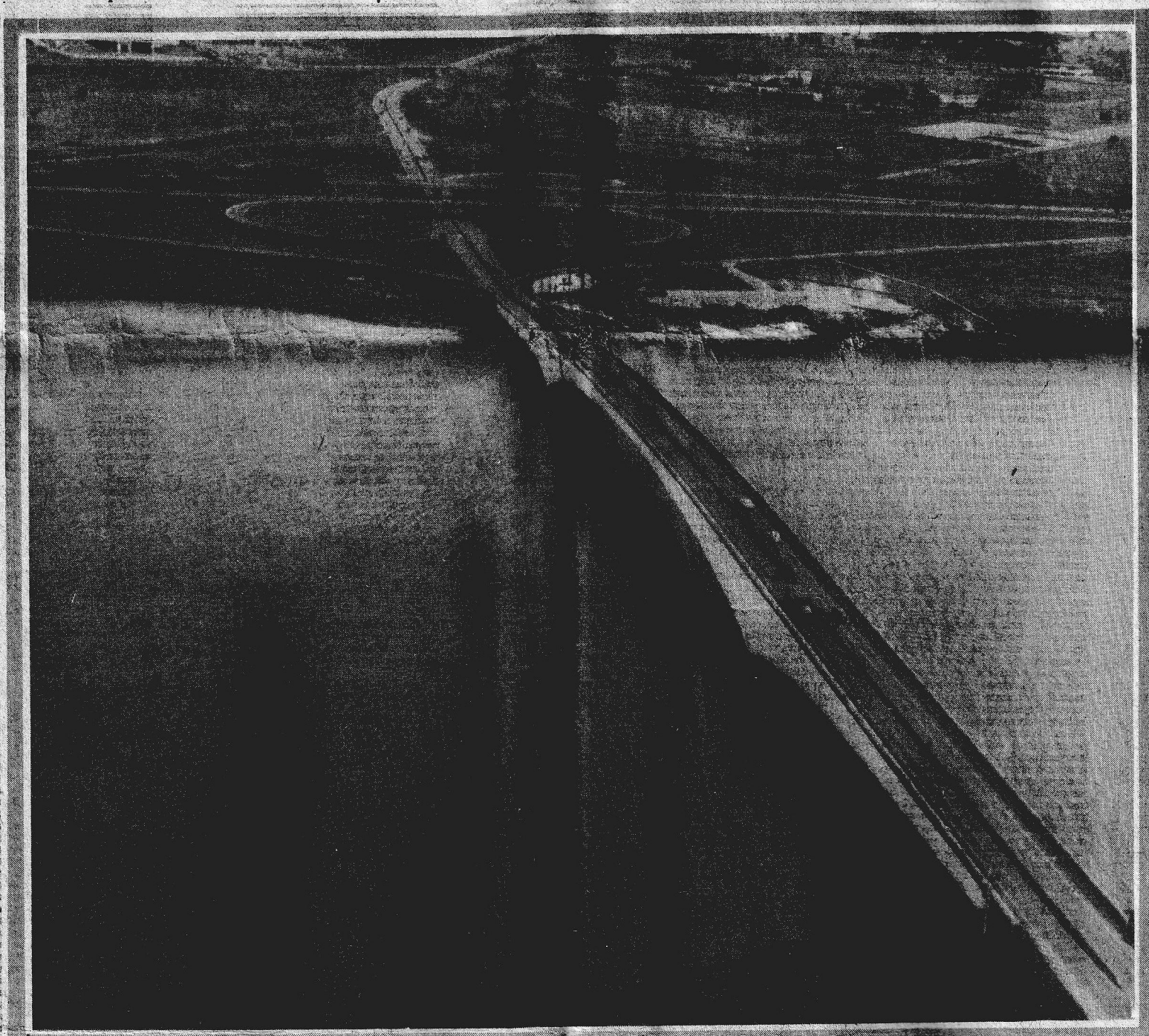
Como você vê, nós temos uma série de providências que estão sendo tomadas, mas que não podem ser implantadas em vinte e quatro horas. São problemas que demandam estudos adequados e recursos para comprar os equipamentos. Os estudos já estão em minhas mãos, e os recursos estão sendo providenciados para implantar a parte dos microônibus. E através do próprio estudo, haverá a modificação de uma série de linhas, desvio de linhas - para que o usuário não ande, como anda hoje, quatro quilômetros para pegar um transporte coletivo -, e dando, em toda cidade-satélite, uma estação rodoviária e um abrigo para que tenham melhores condições de se deslocar para o Plano Piloto. Essa a parte de transportes.

Correio - E quanto à habitação?

Elmo - Quero informar que a SHIS deve ter, praticamente, 14 anos de vida e nós nos três anos de Governo, construímos já 12 mil unidades residenciais e temos um programa, até o final, de 40 mil.

Eu tenho três anos de Governo, construí 12 mil. Nesta mês, eu estarei a construção de mais 12 mil unidades. Serão já 24 mil. Nesses 14 ou 15 anos de existência da SHIS, eu, em três anos, já construí 12 mil residências, praticamente o dobro do que foi construído em toda a existência da SHIS. Pelas estatísticas que temos, construindo realmente essas 36 mil unidades ainda ficaremos com déficit habitacional. O déficit habitacional o Governo tenta superar sozinho quando, na realidade, ele deveria ser enfrentado sobretudo pela atividade privada. Mas o fato é que só o Governo é que tenta resolver o problema habitacional através da Sociedade de Habitação de Interesse Social, aqui no Distrito

Elmo não temeu os desafios de Brasília. Concluiu a Ponte Costa e Silva, que muitos condenavam e amaldiçoavam, e agora parte para desafios maiores que o passado lhe legou.



da Federação resolve-se o problema de transporte coletivo interno da comunidade, nós temos que resolver um sistema integrado - cidades-satélites/Brasília - funcionando as cidades-satélites como alimentadoras e Brasília como receptora. Torna-se então difícil dar condição melhor de transporte coletivo, a não ser partindo para novas soluções, o que nós fizemos. Partimos para o estudo de transportes de massa rápidos, e esses estudos já estão sendo desenvolvidos há dois anos, mas ainda não chegamos ao Plano Diretor final. É um plano

que dará condições para que se tenha, no Distrito Federal, um sistema tecnicamente racional e que evitará, consequentemente, os problemas que hoje existem. Esse sistema vai escoar toda a coisa nas superquadras, e nós estamos tentando negociar, trazer um tipo de ônibus húngaro, que transporta 140 passageiros sentados, e que é interligado através de sanfonas, para fazer uma experiência no Distrito Federal. Mas tudo isso são sistemas, são soluções adequadas ao tradicional. Para não ficar dependendo só dessa solução, nós autorizamos a construção imediata de uma via estrutural ligando a zona mais populosa (porque aqui, em Brasília, nós temos as extremidades Norte e Sul, sendo que na Norte temos a concentração de duas cidades apenas: Sobradinho e Planaltina. E, na extremidade sul, nós temos: Núcleo Bandeirante, Guarã, Taguatinga, Ceilândia e Brazlândia) e beneficiando, praticamente, todo o contingente que se desloca para o Distrito Federal.

A solução técnica mais viável para utilizar o que nós temos aqui seria a instalação de terminais nas extremidades e redistribuição desses alimentadores através de circulares dentro do Plano Piloto. Mas essas seriam soluções demoradas. Então, partimos para a via estrutural que será utilizada só para transportes de massa (ônibus no caso) e transportes pesados, caminhões, etc., deixan-

retor de Transportes que foi fornecido, como já mencionei, pela EBTU, pelo GEIPOT e o próprio Distrito Federal.

Correio - E o Sr. acredita que esse sistema pode ser implantado rapidamente?

Elmo - Esse pode ser implantado porque nós já temos dez e precisamos de noventa e sete, mas estou autorizando a nossa empresa de transporte a adquirir mais trinta ou quarenta veículos. Desta forma, paulatinamente, nós compraremos a frota necessária para circular em toda a cidade.

Federal, e Banco Nacional de Habitação, como é feito em outras unidades. Só o Governo é que parte para um programa amplo, de solucionar o problema habitacional.

Mas, na realidade, essas 40 mil casas que vamos construir nesses cinco anos de Governo, não são necessárias para suprir as necessidades de casa própria. Tenho certeza absoluta que muitos continuarão, ainda, em casas de aluguel. Essa a parte de habitação.

Correio - O problema de habitação ligado ao problema do encarecimento brutal de transporte não vai forçar, num determinado momento, a revisão de algumas premissas do plano da cidade, como por exemplo, aquelas casas pequenas, as HPs, ao longo das W-3? Não é um desperdício de espaço?

Elmo - Na realidade, meu caro, eu confesso que aquelas casas isoladas, ao longo das W-3, terão que, em futuro bem próximo, ceder lugar a edifícios de apartamentos, porque o adensamento populacional, principalmente de funcionários exigirá que fiquem mais próximos a Brasília no sentido de facilitar a parte econômica.

Correio - Para que nos adequemos à realidade?

Elmo - É, mas eu confesso, com sinceridade, que no meu Governo não terei tempo de partir para uma modificação naquela área, porque são tantas as modificações que tenho pela frente que essa parte ainda não me preocupa.